

LEODEGÁRIO, in memoriam

Albano Martins, poeta

Éramos amigos desde que, no já remoto ano de 1984, nos encontramos em Ourense. Realizava-se, então, sob o signo da AGAL (Associação Galega da Língua), o I Congresso Internacional de Língua Galego-Portuguesa na Galiza, para o qual ambos fomos convidados. No primeiro dia, ao almoço, no decurso do diálogo que entre todos espontaneamente se estabelecera, veio a pergunta, dirigida a minha mulher e a mim, sentados à sua frente: “Já foram ao Brasil?” “Não” – respondi . “Então vou levá-los ao Brasil”. E levou. Não uma vez, logo no ano seguinte, mas muitas, nos anos vindouros. Devo-lhe isso, e muito mais do que isso: uma amizade ímpolita, sem mácula, cimentada num respeito e numa admiração recíprocos, e uma cativante amabilidade, próxima da fraternidade e pontuada de ironia, que era um dos traços marcantes de sua personalidade. Tinha três paixões, todas grandes, avassaladoras, que diuturna e devotadamente alimentava: Ilka (a quem terna e familiarmente tratava por cocota), Camões e os canários – os seus gentis “marfim-satiné” –, que, para incomodidade da Ilka, sua dilecta esposa e nossa querida Amiga, se acantonavam lá no fundo, na cozinha (havia também alguns exemplares, de mais modesta plumagem e menos refinada coloração, na casa de Cabo Frio) e que constituíam a sua primeira e mais fervorosa preocupação matinal. Era a hora da limpeza e da cuidada alimentação servida ao pormenor aos implumes filhos dos “satiné” e quejandos, acomodados nos improvisados ninhos. Algumas vezes, em viagem para o Rio, levámos connosco, na bagagem, um ou dois (às vezes mais) exemplares que a sua nunca desmentida e nunca satisfeita paixão nos exigia ou reclamava. Só nos últimos anos, jubilado já da UERJ e da UFRJ, esta paixão esmoreceu. De Camões, paixão nunca esmorecida, que herdou Emanuel Pereira Filho, a quem pediu emprestado, para o ampliar, o critério do duplo testemunho quinhentista para cunhar a autenticidade dos textos que, de forma cega e um tanto anárquica, a tradição acumulou, aumentando assim desmesurada e acriticamente a obra lírica do poeta (obra que, como lembra Antonio Houaiss, chegou a atingir as setecentas unidades), da paixão por Camões, dizia, sobram oito volumes editados pela Imprensa Nacional - Casa da Moeda sob o título *Lírica de Camões*, que, sendo a obra (lamentavelmente interrompida) duma vida, são também a laboriosa tentativa de correcção de erros (fruto, muitas vezes, de exacerbadas paixões) acumulados ao longo dos anos. Fica a obra incompleta. Faltam aqui: o tomo II das “Éclogas” e os volumes com os Tercetos, as Sextinas, as Oitavas, e as Redondilhas. E falta o volume final (muitas vezes me falou dele), onde, depois do trabalho crítico desenvolvido ao longo dos diversos volumes, ficariam reunidos os textos de incontestada autenticidade, agora despidos do aparato crítico.

A obra de Leodegário de Azevedo Filho não se cinge, porém, à “epopeia” que foi o seu trabalho (a que assentaria bem o epíteto de ciclópico) de expurgação da obra lírica de Camões. Também *Os Lusíadas* e o problema da *editio princeps* do po-

ema mereceram, em anos mais próximos, o seu cuidado e atenção. Mais recentemente, para o dito efeito, ocupava-se da primeira tradução, para o castelhano, do poema camoniano, encontrando nela os argumentos bastantes para a defesa do seu ponto de vista (consulte-se, a este respeito, o n.º 43 deste jornal). Mas a obra de Leodegário – vasta e singular - vai muito além. Vários outros poetas, de um e outro lado do Atlântico, mereceram a sua atenção e desvelo. Salienta-se o trabalho empreendido com a publicação das “Cronicas de viagem” e das “Crónicas de educação” de Cecília Meireles, poeta a quem já dedicara, aliás, em outras ocasiões, demorada atenção (veja-se, por exemplo, o volume Poesia e estilo de Cecília Meireles, de 1970). Atenção que também dedicou, entre outros, a Fernando Pessoa, a Bocage, Pêro Meogo e Anchieta. E importa lembrar os seus trabalhos de natureza didáctica, de promoção e defesa da língua, bem como os de teoria, crítica e estética literária, sem esquecer os consagrados à problemática do verso. Uma obra vasta e singular, dissemos, mas também diversificada.

Morreu às 3h10 do dia 30 do passado mês de janeiro, com 84 anos (fizera-os dois dias antes), na cidade do Rio de Janeiro. Aqui o deixamos escrito, nesta hora de mágoa pela perda do Amigo, mas também em memória dum homem a quem Portugal deve, desde há muito, prestimosa homenagem e reconhecimento. Além de grande filólogo e camonista militante, de excepção, Leodegário de Azevedo Filho foi também grande amigo do nosso país, que frequentemente visitava e onde tinha numerosos amigos. Lembra-se, aos que o não sabem ou esqueceram, que Leodegário (o Leo, como era conhecido entre os amigos) foi, durante o ano de 1972, professor visitante da Universidade de Coimbra. Também esta, por isso, está de luto. Assim o cremos, ao menos. A exemplaridade e a excelência têm de ser reconhecidas e, mais do que isso, assinaladas e honradas.

(In jornal As Artes entre as Letras, do Porto, Portugal, 9.2.2011, p. 9).